

Sujeitos, música e carnaval sertanejo no interior de Goiás (Brasil): manifestações artística, lúdica e reveladora de particularidades

Jean Carlos Vieira Santos [1]
Universidade Estadual de Goiás (UEG/Brasil)
svcjean@yahoo.com.br

Resumo

O presente artigo tem como objetivo central suscitar uma discussão acerca das atuais festas carnavalescas encontradas no interior do estado de Goiás (Brasil). Nessa sociedade, a música sertaneja é colocada como um círculo de interação entre sujeitos, mostrando o poder da transmissão e valorização de aspectos do interior brasileiro. Sendo assim, na primeira fase de construção do trabalho, realizou-se o levantamento bibliográfico, para estabelecer o referencial teórico. Em um segundo momento, referente aos trabalhos de campo, a presença do pesquisador nos “espaços vividos” foi indispensável, com vistas a melhorar a percepção e compreensão de manifestações e festejos de carnaval nas pequenas cidades do cerrado brasileiro, além de vivenciar as implicações das festividades em tais territórios. O recorte espacial da investigação é a microrregião de Quirinópolis, composta pelos municípios de Quirinópolis, Gouvelândia, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Paranaiguara, Itajá, São Simão e Lagoa Santa. Como resultado, a pesquisa ressalta a inserção das músicas sertaneja e caipira em todos os momentos festivos da região estudada.

Palavras-Chave: Música, geográfica, sujeitos, festas, tradição.

Abstract

The present article has as main objective to raise a discussion about the current carnival parties found in the interior of the state of Goiás (Brazil). In this society, Brazilian country music is placed as a circle of interaction among subjects, showing the power of the transmission and valorization of aspects from the Brazilian interior. Thus, in the first phase of construction of the work, a bibliographical survey was carried out to establish the theoretical reference. In a second moment, referring to the field works, the presence of the researcher in the “lived spaces” was indispensable, in order to improve the perception and understanding of manifestations and celebrations of carnival in the small cities of Brazilian cerrado, in addition to experience the implications of these festivities in those territory. The research space is the Quirinópolis micro-region, composed of the municipalities of Quirinópolis, Gouvelândia, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Paranaiguara, Itajá, São Simão and Lagoa Santa. As a result, the research emphasizes the insertion of Brazilian country songs (“sertaneja” and “caipira”) in all the festive moments of the studied region.

Keywords: Music, geographical, subjects, parties, tradition.

Introdução

Para dialogar sobre o homem e sua capacidade de fazer música e cantar, é necessário explorar resumidamente o contexto histórico da fala. A partir desse ato surge a capacidade musical de cada sujeito e, nes-

se sentido, há o interesse por organizar festas que abrangem diferentes ritmos. De acordo com Carvalho (2008, p. 40), a civilização da fala se qualifica “*no campo dos estudos da linguagem, pelo uso da palavra oral*”.

A referida autora assevera que esse modelo de formação social é explicado pela passagem entre o

mundo vivido e o representado pela língua, por meio da força de ação da linguagem: “*uma competência desenvolvida no fluxo da existência humana. Portanto, os historiadores da linguagem, quando se remetem à civilização antiga, fazem remissão a um tempo em que o homem, desenvolvendo sua capacidade simbólica, transmuda o seu estado de animalidade em estado de humanidade, por meio da força da ação da linguagem inscrita no uso criativo da palavra. Nesse sentido, à medida que a competência da linguagem é expandida, por meio de interações face a face, a fala também se expande e se aprimora, bem como o vocabulário*” (Carvalho, 2008, p. 40).

Historicamente, entre os gêneros discursivos que caracterizavam a civilização antiga pela qualidade da fala humana está a “*era das baladas: o que se expressa pelo canto*” (Carvalho, 2008, p. 41). Ele é um produto do inconsciente coletivo, uma produção feita por várias mãos que se remete a modelos de representação ou a um fato que vagueia pelo mundo.

Entende-se que a música é a arte de manifestar diversos afetos de nossa alma mediante o som, dividida em três aspectos: harmonia, melodia e ritmo. Mas, afinal, o que seriam esses três conceitos básicos? Segundo Silva (2010, p. 11): “*Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio. As vibrações irregulares são denominadas ruído. Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos. Melodia: é a organização simples de uma série de sons musicais e sucessão rítmica. Harmonia: é a combinação dos ouvidos simultaneamente, é o agrupamento agradável de sons*”.

A partir desses elementos é que se tem se pensado a abstração da música. Porém, alguns autores defendem a ideia de que seja difícil defini-la. Diante disso, Jeandot (2001, p. 12) faz algumas indagações: “*A música seria uma linguagem? Uma manifestação artística que nos atinge profundamente, numa esfera em que a razão e o raciocínio lógico talvez não penetrem? Ou simplesmente uma sucessão de sons?*”.

É possível dizer que a música seja uma linguagem, pois transmite mensagens por meio de variadas canções, seja para um público específico ou geral. É também uma manifestação artística, reveladora de

particularidades, vivência, e, não raro, da crença de um povo. Em cidades da microrregião de Quirinópolis (Goiás, Brasil), a musicalidade sertaneja cumpre seu papel social durante o feriado de carnaval, por ser capaz de agregar diferentes moradores e visitantes, criar um processo de inclusão e misturar diferentes referências sociais e espaciais que se encontram na pequena cidade do cerrado brasileiro.

Seria muita ousadia limitar a música a apenas uma sucessão de sons, uma arte capaz conectar os indivíduos com suas raízes e os lugares aos quais pertencem, as pessoas que amam, os momentos já vividos; logo, está muito além das vibrações sonoras. A música faz ainda viajar pelo desconhecido por meio do imaginário, o que talvez explique a subjetividade e, conseqüentemente, o desafio em conceituá-la.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo central suscitar discussões acerca das atuais festas carnavalescas realizadas no interior do estado de Goiás. Nessa sociedade, a música sertaneja é colocada como um círculo de interação entre sujeitos e de trocas entre lugares, fazendo com que a comunicação seja possível, além de mostrar o poder da transmissão e valorização de aspectos do interior brasileiro.

Nas primeiras fases de construção do trabalho, realizou-se o levantamento bibliográfico para estabelecer o referencial teórico, “*procurando aprofundar o desenvolvimento teórico-metodológico da pesquisa, através de bibliografias específicas sobre a temática em questão*” (Brum Neto; Bezzi, 2006, p. 64). No segundo momento, referente aos trabalhos de campo, a presença do pesquisador nos “*espaços vividos*” foi indispensável. Isso foi feito para melhorar a percepção e a compreensão de manifestações e festejos de carnaval nas pequenas cidades do cerrado brasileiro, além de ser uma forma de vivenciar as implicações das festividades nos territórios.

Nas palavras de Santos (1999, p. 117): “*o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em*

relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro”.

A literatura citada destaca ainda que, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, é possível extrair e lapidar elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar. Esse procedimento permitiu ao investigador analisar as transformações do espaço, as paisagens, os territórios e as particularidades das festas, por meio das relações locais, promovendo transformações no modo de vida, desencontros e contradições, principalmente nas pequenas cidades do interior goiano, com desdobramentos nas práticas e representações sociais de comunidades e grupos sociais envolvidos. Com essa inserção, colheram-se as informações (entrevistas) e se estabeleceram diálogos com os sujeitos sociais.

1- Recorte de pesquisa e os respectivos limites regionais

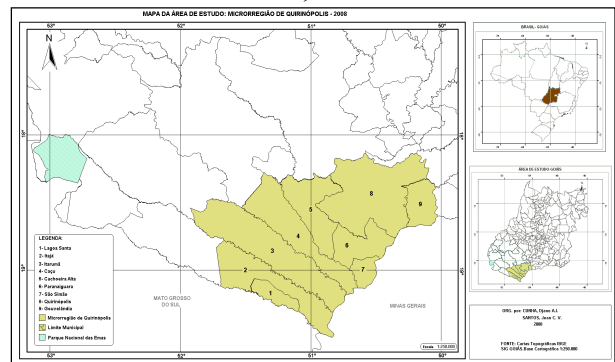
Com a finalidade de resumidamente caracterizar a microrregião de estudo, vale dizer que o estado de Goiás é dividido, segundo critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em cinco mesorregiões – norte, leste, noroeste, centro e sul goiano – na última estão os municípios da microrregião de pesquisa. As regiões do IBGE seguem os limites administrativos municipais, o que facilita o trabalho com os indicadores socioeconômicos, o que também ocorre em todos os estados do Brasil (Araújo, 2004).

Os estados nacionais são divididos em mesorregiões geográficas que, por sua vez, se subdividem em microrregiões – Goiás possui 18 destas, em que: “11 delas levam o nome de referência dos municípios, 5 elementos do quadro natural – duas ligadas ao relevo (Chapada das Veadeiras e Vão do Paraná) e 3 bacias hidrográficas (Meia Ponte, Rio Vermelho e Rio dos Bois) –, uma se refere à localização (Sudoeste) e outra ao processo de urbanização decor-

rente da construção de Brasília (Entorno de Brasília)” (Araújo, 2004, p. 33).

Nesse ordenamento, os nomes das microrregiões revelam características que influenciaram na sua conceituação. Assim, a microrregião de Quirinópolis (Mapa 1) é composta pelos municípios de Quirinópolis, Gouvelândia, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Paranaiguara, Itajá, São Simão e Lagoa Santa, com área total de 16.117,60 km² (Santos, 2010).

Mapa 1: Localização da microrregião de Quirinópolis, Goiás, Brasil.



Fonte: Santos (2010).

Essa paisagem pertence à Bacia do Rio Paranaíba, que abrange terras dos estados de Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul, em que nasce na serra da Mata da Corda, em Minas Gerais, a uma altitude de 1.140 metros. Dessa região até sua foz, ou seja, ao encontro com o Rio Grande, percorre uma extensão de 1.120 km, com uma paisagem de captação e drenagem de 220.195 quilômetros quadrados, sendo que 67,89% se localizam em Goiás (Santos, 2010). Seu percurso está definido em três trechos distintos: “Alto Paranaíba – nascente até o Km 370; Médio Paranaíba – do km 370 até a barragem de Cachoeira Dourada com 370 km; Baixo Paranaíba – da barragem de Cachoeira Dourada até a sua foz, com extensão de 380 km. O trecho Alto Paranaíba encontra-se em sua maior parte, em território mineiro. Depois de passar por uma região de topografia acentuada” (Agência Goiana de Meio Ambiente, 2005, p. 4).

A microrregião de Quirinópolis é também definida como “*Baixo Vale Paranaíba Goiano*” (Santos, 2010, p. 22), pois se localiza abaixo do reservatório da hidrelétrica de Cachoeira Dourada, na parte onde o rio apresenta uma seção relativamente calma, compreendendo as áreas montante e jusante do reservatório da hidrelétrica da São Simão. Brum Neto e Bezzi (2006, p. 64) sublinham que o “*homem como agente (re)organizador do espaço, transforma a natureza de acordo com suas necessidades, imprimindo-lhes as características marcantes da sua cultura*”. Portanto, constata-se uma configuração regional no lugar investigado, onde um grupo social confere à sua base espacial uma identidade musical sertaneja durante as festas de carnaval, que irá diferenciá-la de outras localidades brasileiras como Nordeste e Norte, além, principalmente, das metrópoles Rio de Janeiro e São Paulo.

2- Referencial teórico: bibliografias específicas sobre a temática em questão

Estudar os conceitos de música e festa na pesquisa geográfica é buscar uma perspectiva social, econômico e cultural de sujeitos que fazem, de seus territórios no interior do Brasil, um espaço de entretenimento e lazer, além de discutir outras geografias e a produção de alguns movimentos, entre eles o urbano, o agrário/rural e o turismo, com grandes eventos musicais. Suess e Almeida (2015, p. 6) argumentam que “*as músicas vêm se apresentando como excelentes condutoras de significados, expressando tanto manifestações estabelecidas com o espaço quanto angústias, prazeres e diversas expressões da vida cotidiana*”.

Para os autores citados, cabe aos geógrafos a missão de ler o espaço e os lugares por meio das músicas, almejando descobertas e reflexões que atribuam valor e vinculem o homem ao meio. Nesse entremeio, Jeandot (2001, p. 12) observa que “*a música é uma linguagem universal, mas com muitos dialetos, que variam de cultura para cultura, envolvendo a maneira de tocar, de cantar, de organizar os sons e de definir as notas básicas e seus intervalos*”.

Isso permite inferir que a diversidade etnocultural brasileira influencia nas diferenças musicais, uma vez que o país tem os índios, os portugueses e os africanos como povos fundadores que carregam práticas culturais diferentes. A música no Brasil se formou a partir de uma mistura de elementos pertencentes àqueles que habitavam o chamado novo mundo. Desse modo, Vilela (2008, p. 4) ressalta “*que tudo o que entendemos por música brasileira, quer seja popular, folclórica ou erudita é fruto de fusões etnoculturais ocorridos em um espaço-tempo que se situa no nosso país e durante os anos que se estendem do Brasil colônia aos dias de hoje*”.

Ademais, Vilela (2008) arrazoia que os portugueses trouxeram uma parcela muito expressiva de nossa musicalidade, como as cantigas de roda, os romances (base sólida de inúmeros de nossos gêneros musicais), os cordéis, as caixas, a viola, o canto polifônico, além de inúmeros cantos de trabalho. O autor ainda sublinha que o canto dolente, algo presente na música caipira, tem traços indígenas: parece que o cantar de voz aguda, como se ouve em algumas duplas caipiras mais antigas, se origina do cantar dos índios.

Diante dessa perspectiva teórica, pode-se asseverar que a música é uma realidade de escalas local, regional e global, estando presente em todas as partes do mundo, seja em cidades, territórios ou paisagens, mas com escritos e ritmos que muitas vezes são particulares dos lugares. Os diferentes estilos musicais são responsáveis por movimentar festas e promover encontros; logo, Mota e Almeida (2010, p. 16) ponderam que o estudo das festas “*constitui-se em ações investigativas, que faz emergir a importância destas, como parte e da herança cultural de um povo. Destaca-se, então, a necessidade de valoração da cultura local da cidade [...], e um olhar mais atento para o patrimônio cultural imaterial que se perde lentamente*” (Mota & Almeida, 2010, p. 16).

Assim, Mota e Almeida (2010, p. 2) destacam que a ciência geográfica, a qual se interessa pelas relações sociais e de produção do espaço, encontra nas “*festas um fértil campo para o estudo das relações do espaço e suas territorialidades, da questão do patrimônio e da construção das identidades locais*”. Enquanto isso, Berger (1997, p. 42) aduz que durante “*as festas diversas coisas se conciliam, pois nesse momento, celebra-se a vida, rompe-se com o ritmo*

monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções”. A festa designa a criação de: “*Comportamentos, de consciência, de tempos para realizá-la não como momento desprovido de sentido, mas marcado por objetividade, estratégias e sabedorias. A festa também representa a produção de humanidades e, de outra parte, o estabelecimento de relações que permitam a produção material e sobrenatural das condições de produção da comunidade. Com ela ou por meio dela, pode-se também observar esse homem que se constitui de relações sociais*” (Santos, 2007, p. 222).

De fato, as práticas festivas são dinâmicas e constantemente (re)inventadas e (re)adaptadas; é um processo de construção e renovação de diferentes sentidos e significados, já que nas práticas culturais constantemente são renovados valores, modos de viver, agir, pensar e múltiplas identidades de um mesmo grupo. É por meio dessas exaltações coletivas que a sociedade gera imagens e situações em que ela se cria e se repõe: “*Na festa, a sociedade pode tomar consciência de si mesmo*” (Lemos, 2007, p. 63).

Há de se considerar as manifestações festivas e musicais como “*expressões rituais mais ou menos coercitivas que mantêm e reproduzem as estruturas sociais de que emanam, mas que numa perspectiva evolutivo-temporal podem na nossa opinião a partir de um certo momento autorreproduzir-se, mesmo que tenham deixado de corresponder as necessidades e estruturas funcionais que estiveram na sua origem*” (Pereira, 2005, p. 110).

Para Bourdin (2001, p. 97), os momentos festivos “*reúnem pessoas e, por isso mesmo, produzem energia, identificação, um sentimento de pertença mais forte. A encenação que ele organiza, numa relação cada vez mais elaborada com o lugar, é necessária para que os efeitos de reunião possam atingir todo o poder que eles visam*”. Nesse ínterim, as festas fornecem nova função às formas espaciais, pois “*ruas, praças, terrenos baldios transformam-se em palcos para o evento. O espaço das festas populares possui uma composição bastante complexa. Nele subsistem relações econômicas, político-ideológicas, simbólicas e afetivas extremamente ricas*” (Maia, 1999, p. 204).

Como forma de socialização, a festa se assentaria no estar-junto e no relacionar-se. Desse modo, Peres (2002, p. 19) pontua que a “*forma lúdica de socialização não*

tem conteúdo, nem propósitos objetivos, nem resultados exteriores, é uma estrutura sociológica que, em sua relação com a sociedade concreta, determinada pelo conteúdo, é semelhante à relação do trabalho de arte com a realidade”. Costa (2010) cita que a festa é responsável pela criação do espaço temporal do lúdico, da alegria e da fé.

Pode-se dizer que existe uma sociabilidade, referente à “*capacidade gerada para a realização de um trabalho em conjunto, uma colaboração e a prossecução de uma ação coletiva*” (Fialho, 2016, p. 70). A partir desses conceitos, sem ter a pretensão de esgotar as abordagens sobre a temática, o carnaval da microrregião de Quirinópolis, definido aqui como sertanejo, se acentua em uma dinâmica que reflete os conteúdos de ruralidade regional, territorial e das transformações ocorridas no campo com o agronegócio, consolidando uma nova forma de organizar e viver a festa, uma singularidade do interior do Brasil central.

3- Cidades da microrregião de Quirinópolis (Goiás/Brasil): territórios musicais e lugares das festas

A microrregião quirinopolina é formada por pequenos núcleos urbanos onde a cidade de Quirinópolis se destaca como a urbanidade principal e, por isso, nomeia a microrregião. No caso das cidades pequenas que constituem a área de pesquisa deste artigo, o número populacional é menor que 50 mil habitantes, em que “*as funções ou papéis das cidades não são tão diferentes, na maioria, os serviços prestados são para atender ao agronegócio, com exceção de São Simão e Lagoa Santa que também atendem aos setores de lazer e turismo*” (Santos, 2010, p. 180).

Esses pequenos núcleos urbanos são denominados por Santos (1982) como cidades locais capazes de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas da população, função que implica uma vida de relações. Corrêa (1991) e Melo (2008) explanam que elas constituem lugares de concentração da força de trabalho rural – especialmente as cidades menores se transformaram em hábitat rural concentrado, com poucas funções urbanas. Funcionam também como

reservatório de mão de obra e são marcados pelo esvaziamento gerado por processos migratórios, sobretudo de pessoas em idade ativa, permanecendo os idosos.

Geralmente, as rendas nessas localidades procedem de transferências como aposentadorias, pensões e políticas públicas. No entanto, a realidade encontrada nas cidades pequenas da microrregião de Quirinópolis é outra, dinamizada pelo agronegócio e por setores de serviços. No caso específico da temática “cidade pequena”, Melo e Soares (2009) discorrem que há uma multiplicidade dessa categoria nos sistemas urbanos, sobretudo no Brasil.

Pelo interior do país e especificamente em Goiás, existem as pequenas cidades turísticas, e “algumas que têm as festividades religiosas, as manifestações culturais, as feiras, entre outras, como elementos que as inserem em um contexto socioeconômico mais amplo. Pode-se pontuar, além destas, a ocorrência de pequenas cidades localizadas nos entornos metropolitanos, as quais se apresentam bastante diversas das demais” (Melo, 2008, p. 438).

Os espaços urbanos do interior goiano contam com significativa estrutura bancária e comercial, além de disporem de profissionais da área da saúde. Em algumas cidades existem teatros, emissoras de rádio e jornais locais impressos. Porém, de acordo com Endlich (2009, p. 83), “atualmente a maioria das pequenas cidades não possui mais cinemas por causa da cultura televisiva somada à intensa perda de população, mudanças culturais que explicam o fato de que hoje só existem cinemas nos centros regionais”.

Outra relação estabelecida entre tais cidades diz respeito à busca pelo ensino superior. As universidades pública (Universidade Estadual de Goiás – UEG) e privada se localizam em Quirinópolis, provocando um sistema circulatório diário advindo de cidades como Caçu, Gouvelândia, Paranaiguara e São Simão. Santos (2010) explica que as ações públicas locais da última década do século XX e da primeira década do século XXI fizeram com que surgissem espaços públicos de lazer, onde ocorrem as festas ora investigadas. Nessas áreas são realizados os principais festejos

como o carnaval, a festa de peões e os festivais gastronômicos.

Durante essas festividades, as prefeituras municipais são responsáveis pela estrutura de atendimento médico, pelo receptivo turístico e por palcos para apresentações de artistas nacionais e regionais. Entre esses lugares estão a praia artificial, no Lago da Hidrelétrica de São Simão, e o Parque César de Freitas, na cidade de Quirinópolis, popularmente chamado de Lago Sol Poente, que “foi construído com o objetivo de oferecer à população de Quirinópolis um espaço favorável à prática de lazer, procurando disponibilizar para a comunidade as atividades esportivas, eventos ou atrativos temporários que favorecem o comércio de barzinhos e lanchonetes do lugar. Como espaço de recreação e lazer, o ambiente ainda carece de instalações de infraestrutura” (Martins & Silva, 2009, p. 33).

Por sua vez, em Itajá existe o Parque Natural Municipal Antônio Bento de Camargo, em Itarumã, o lago artificial Municipal Dona Júlia e, em Lagoa Santa, a praça central ganha relevância por ser um lugar onde o turista se faz presente e onde são realizados os principais eventos do município, como carnaval réveillon. Por meio dessa dinâmica verificada na microrregião quirinopolina é possível afirmar, conforme Bezerra (2007, p. 185), que as festas do interior goiano ganham força nas cidades, “pois devido ao seu caráter celebrativo (re)atualiza determinados símbolos e, assim, assume o papel de produtora de uma identidade da cidade”.

Nesses territórios urbanos acontecem as festas de peões, por exemplo. As manifestações da cultura do interior brasileiro são realizadas em todos os municípios da microrregião investigada, com participação de órgãos públicos locais, sindicatos rurais, profissionais liberais, organizações sociais e empresários locais. Pimentel (1997, p. 47-48) cita que a “ideia de organizar essa festa que lembra o passado regional, bem como a tradição tanto da montaria quanto da lida com o gado, recaiu sobre o culto ao peão de boiada, metafórico na disputa entre o homem e o animal indômito”.

Tais festas se originam da década de 1950, em Barretos (São Paulo), alastrando-se posteriormente para outras regiões brasileiras, sobretudo Goiás. No coti-

diano dos espaços dessas festas e das pequenas cidades que compõem a microrregião Quirinópolis, são comuns a musicalidade caipira e a atual música sertaneja, criadas “*a partir daquilo que um grupo de compositores e cantores (nativos das regiões paulistas e mineiras comumente identificadas com a cultura caipira) considerava os critérios mais adequados para se marcar a autenticidade musical*” (Pimentel, 1997, p. 18-19). Em virtude desse ritmo musical, a microrregião pesquisada pode ser caracterizada pelo atual agronegócio, apoiado na imagem e nos conteúdos de ruralidade.

Durante as investigações de campo foi possível identificar a importância da musicalidade sertaneja em bares, casas de shows, restaurantes e meios de comunicação. O estilo musical invade os carnavais da microrregião Quirinópolis, o que provoca a “sertanejização” do carnaval e mostra a preferência regional pelos artistas que, com seus instrumentos musicais, referenciam o “ciclo do cotidiano caipira” e os modos de vida, os ritmos e os valores das humanidades dessa parte do cerrado goiano. Para Pimentel (1997, p. 297): “*A Festa do Peão, assim como das músicas caipiras e sertaneja, pode se reconhecer a importância exercida por iniciativas culturais que visam dar concretude a uma certa ideia de pertencimento a uma sociedade rural/sertaneja que não precisa de travestir-se de características urbanas para ser dinâmica e moderna. Examinadas a partir do alto valor que outorgam tanto ao dinamismo e à modernidade quanto à tradição rural/sertaneja, pode-se dizer que essas iniciativas culturais desautorizam o entendimento de que o único dinamismo possível seja a mudança do rural em direção ao urbano*”.

Essas musicalidades e festas integram culturalmente a microrregião quirinopolina. São incorporados outros elementos do lugar como a culinária e os festejos religiosos, apresentando as comunidades como parte de um mesmo compartimento cultural e expressando suas identidades regionais por meio dos modos de vida e valores formadores das famílias do interior de Goiás – tais misturas ampliam, de fato, os atrativos do evento.

As festas carnavalescas são realizadas especialmente nos municípios de São Simão, Quirinópolis, Itarumã, Itajá e Lagoa Santa. Os sujeitos locais envolvidos com esses festejos são as prefeituras municipais e os

empresários ligados aos mercados turístico e rural. Em 1992 foi realizado o primeiro carnaval na praia artificial da cidade de São Simão e, para o evento ocorrer, construiu-se uma choupana de palha e madeira, colocaram areia no lugar e se buscou um trio elétrico em uma cidade de Goiás. Os primeiros participantes da festividade foram cidadãos locais e de municípios próximos, mas, como destaca o entrevistado a seguir, “*veio [sic] apenas algumas pessoas conhecidas de outras cidades*”. Entre os acontecimentos, ele lembra que: “*A praia não foi feita e depois criado o carnaval, muita gente esquece que teve um cara que deu o pontapé inicial pro carnaval, pra exploração do Lago, da água que tinha foi o Secretário de Esporte na época. Então, o carnaval surge assim né, sem a estrutura ainda da praia, o carnaval surge antes dessa... com trio elétrico, era uma coisa que ninguém via, ninguém sabia. Antes de a praia ficar pronta também, o prefeito da época (1993) que inicia a estrutura fez também um bom carnaval, ele montou as barraquinhas de bambu e colocou areia ao longo do Lago e deu muita gente também. Aí foi indo... quando a praia ficou pronta mesmo já tinha um público. Participaram um pessoal de fora, mas muito pouco número, mas foi aonde [sic] vislumbrou a ideia. A questão do carnaval da praia provisória que foi criado na época, antes da praia ficar pronta, teve uns dois anos que foram feitos na praia provisória que eles falavam, e aí o pessoal vinha, olhava e decerto pensava: ‘vai ficar bom’... e ia voltando*” (Entrevista Informal. Trabalho de Campo).

É possível compreender que o lugar e os usos vieram antes do processo de urbanização e turistificação, por intermédio do poder público local. No caso citado, a presença do órgão público, em 1992, se fez por iniciativa do secretário de Esportes de São Simão com uma ação espontânea, mas sem planejamento direcionado e construção de equipamentos turísticos. Essa é uma situação que exemplifica a urbanização como “*um processo posterior à (e decorrente da) incorporação do lugar pelo turismo*” (Cruz, 2001, p. 26).

Os sujeitos públicos são-simonenses foram responsáveis pelo ordenamento do lugar para o uso do turismo e, de acordo com Almeida (2002, p. 198), “*as políticas públicas implementaram a turistificação, isto é, o processo de apropriação do espaço visando a torná-lo apto às funções turísticas*”. No ano de 2010, as festas de carnaval nas cidades de São Simão e Quirinópolis foram

patrocinadas pela mesma empresa de bebidas dos eventos de peões. Segundo Floriano (2000, p. 17-18), durante o carnaval, a praia artificial ganha uma dinâmica diferente, pois *“recebe um número tão grande de turistas, que superlotam a área de camping e espalham barracas no gramado em volta da praia, transformando sua orla numa grande colcha de retalho, devido à diversidade de cores. Nestas ocasiões, alguns moradores, através da secretaria de turismo, alugam suas casas aos visitantes. O panorama da cidade se transforma. Suas ruas e avenidas são tomadas pelos visitantes com seus carros, exageradamente equipados com aparelhagens de som”*.

Sob esse viés, o ritmo musical do carnaval organizado pelos sujeitos do interior de Goiás não recria e tampouco resgata os movimentos do carnaval brasileiro original, com as tradicionais marchinhas e os sambas cantados por Noel Rosa, Cartola, Ary Barroso e Lamartine Babo. Essa festa popular nacional que acontece antes do início da quaresma ganha, durante os quatro dias de festejos, influências interioranas e de outras regiões do país, exprimindo uma musicalidade que associa o axé baiano com sertanejo, pagode, funk, forró e música caipira.

A mistura do sertanejo com o axé é denominada durante o carnaval como “Micareta Sertaneja”, “Sertanejo Universitário” ou “Sertanejo Elétrico”. Por conseguinte, há a “sertanejização” da festa, termo definido pelos autores deste artigo e que se refere à inserção da musicalidade sertaneja no carnaval de várias cidades do cerrado goiano. O depoimento a seguir reforça a sertanejização da tradicional festa brasileira, especialmente nos territórios investigados: *“Nessas festas de Quirinópolis, Lagoa Santa e São Simão, o que manda são as duplas sertanejas, é o nosso estilo de música preferida. Têm de tudo, as duplas antigas como Tião Carreiro e Pardinbo, Osmano e Manito, Gino e Geno, Trio Parada Dura, né? Tem também Milionário e José Rico, Ceázár e Paulinho, Mato Grosso e Matias, Chitão e Xororó, Gilberto e Gilmar, Leonardo, Victor e Léo, Rio Negro e Solimões, Marília Mendonça, Daniel, Cristiano Araújo, Paula Fernandes, Roberta Miranda, aqui toca de tudo do sertanejo, o tempo todo. O povo gosta até de músicas de artistas da região, como Potira e Potiguar, Luís Cláudio, Sidney do cerrado... Aqui você escuta todo mundo da música sertaneja, até quem não tem*

muito sucesso, é sucesso aqui nesse Goiás” (Entrevista Informal. Trabalho de Campo).

Diante da fala apresentada se notam valores dos artistas sertanejos nas festas carnavalescas de cidades pequenas do interior de Goiás, devido à história e à memória que, nas últimas décadas, sempre estiveram presentes na construção musical das sociedades do bioma cerrado. Festejar o feriado de carnaval teria, pois, uma dimensão eminentemente sertaneja; sendo assim, com base em Pimentel (1997, p. 219), pode-se dizer que *“como a música caipira, a música sertaneja que construiu e inventou uma tradição também se refere a um personagem e a um lugar. O personagem é o sertanejo e o lugar é o sertão. Esse estilo musical possui uma melodia simples e, em grande parte, cantada em duas vozes, e tradicionalmente utiliza instrumentos como a viola, violão e sanfona. Atualmente são inseridos outros arranjos musicais e com diferentes instrumentos, como: bateria, teclado, guitarras, entre outros”*.

A “sertanejização” é uma ruptura com o tradicional, provocada pela necessidade de atender às demandas da multidão, ampliando os atrativos do carnaval regional. Isso significa que as mudanças juntam diferentes sujeitos num mesmo espaço, mas como indivíduos separados. Do ponto de vista do atrativo, os organizadores agem para gerar atratividade turística, vender o espetáculo e atrair um número maior de visitantes, em que se torna imprescindível inserir vários estilos musicais.

Segundo Yázigi (1998, p. 132), essa é a *“personalidade do lugar que merece destaque, pois ela se define com a participação social e se formaliza com leis ou normas que relacionam a identidade espacial”*. Ter identidade local ou regional significa ser diferenciado ou parecido consigo mesmo, e a diferenciação ocorre em virtude da historicidade do lugar que se manifesta ainda nos dias atuais.

Nesses momentos festivos, a inserção das músicas sertaneja e caipira foi um dos aspectos mais interessantes encontrados durante os trabalhos de campo, pois apresentou elementos que transformam e diferenciam o espetáculo local em relação àquele vivido em cidades como Rio de Janeiro, referência da cultura carnavalesca no Brasil. Com essa mistura musical, o carnaval caracteriza uma nova dinâmica que

une estilos que sempre estiveram presentes em compartimentos culturais distintos.

Por meio da rede social local, o carnaval reúne moradores do lugar que participam do festejo com barracas onde vendem alimentos aos visitantes. Ao serem convidados por moradores que apenas participam da festa como uma forma de lazer, muitos filhos da terra, que moram em outras cidades, passaram a retornar com o objetivo de fazer parte das festividades realizadas na praia artificial de São Simão e em espaços públicos da microrregião de Quirinópolis. Tais eventos representam, também, um momento de reencontro com familiares e amigos antigos.

De acordo com Santos (2007, p. 208), é no “*momento da festa que o comunitário se restabelece, que é possível estabelecer e aprofundar relações com os outros de fora e aqueles que um dia foram de dentro*”. Essa sociabilidade valoriza os esforços comunitários em abarcar momentos de lazer na festa. Nesse contexto, Dumazedier (1976) define o lazer em contraposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana. Deve-se salientar que o lazer só é realizado e compreendido pelas pessoas que o praticam e segundo uma dialética da vida cotidiana, na qual todos os elementos se ligam entre si e reagem uns sobre os outros.

Diferentemente de outros eventos regionais, como as festas de peões e os festivais gastronômicos, segundo os sujeitos inseridos nas redes locais, o carnaval apresenta as tramas políticas municipais: “*O carnaval daqui é assim: o guardinha quer uma barraquinha pra vender cerveja no carnaval, lá vai a Prefeitura, porque o rapaz votou no prefeito, pega a barraquinha, põe lá com ponto de água, luz, energia, sem alvará pro vinho que votou. Então isso aí só onera, entendeu? E às vezes deixando a iniciativa privada tocar um camarote, tocar um... tudo a Prefeitura tem envolvimento, tudo o prefeito tem que ajudar; é muito custoso. Mesmo assim, no carnaval, o turista vem em peso, mesmo, de Iturama, Ituiutaba, Uberlândia, Rio Verde, Santa Vitória, Pirenópolis, Quirinópolis, Goiânia, Brasília, Mineiros, Jataí... gente demais! A gente tentou desonerar o carnaval esse ano, mas, se você ver os e-mails que o prefeito recebia... rapaz do céu! O povo não ajuda; antes de fazer isso, teria que reunir na Câmara, fazer tipo uma audiência – o carnaval aqui já merece uma audiência pública pra você mostrar pro comercian-*

te pra ele na rua te defender; senão, o povo mata o prefeito!” (Entrevista Informal. Trabalho de Campo).

Essas questões permitem uma análise dos festejos carnavalescos realizados na praia artificial de São Simão e em outras cidades da microrregião quirinopolina, discutindo-se as obrigações do poder público e sua relação com a comunidade por meio do voto recebido. As atividades comerciais da vida cotidiana se baseiam no apoio político: para um cidadão conseguir um estabelecimento comercial a custo zero durante o evento, basta ter votado no atual prefeito. Esses elementos permeiam a mais sórdida pobreza da política interiorana, sem construir uma cidadania plena e/ou contribuir com as condições socioeconômicas do local.

Nesse entremeio, os órgãos públicos de turismo das pequenas cidades da microrregião de Quirinópolis assumiram a função de promover as festas de carnaval. Essa preocupação tem sido cada vez mais crescente, uma vez que as prefeituras injetam recursos arrecadados com o pagamento de impostos dos contribuintes na promoção de tais eventos e, ao mesmo tempo, buscam parcerias com empresários locais. Recentemente, partes dos shows carnavalescos foram financiadas com recursos do Ministério do Turismo (MTur) brasileiro. O órgão federal disponibiliza verbas para o pagamento de artistas que realizam os shows musicais e, assim, os sujeitos públicos locais contratam nomes de abrangência nacional, provocando o aumento do fluxo de visitantes durante os dias de evento.

Considerações finais

Pode-se afirmar que a relação entre o carnaval e a musicalidade sertaneja tem se intensificado a partir da primeira década do século XXI, na microrregião de Quirinópolis, pois se nota um processo de (re)invenção pelo qual o festejo carnavalesco vem passando no interior de Goiás. Isso ocorre durante todos os dias da festa, em que o predomínio da música sertaneja não é somente nos shows, como tam-

bém em sons de automóveis, áreas de camping, hotéis, pousadas, bares e restaurantes.

Fica explícito que as festas de carnaval no interior do estado de Goiás não se mantêm nas condições em que ocorrem nos grandes centros urbanos do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, entre outros). O que se encontra (re)introduzida nesses festejos é a musicalidade sertaneja e caipira, a qual traz práticas e relações sociais que aproximam os homens do interior goiano. Ela perde o sentido musical do carnaval tradicional, mas se reafirma como vontade de reproduzir valores e necessidades humanas de festejar e recriar, mesmo que parcialmente, os seus estilos, gostos e referências musicais.

Durante tais eventos é possível visualizar vestimentas específicas das festas de peões, como chapéus de aba larga, diversos tipos de botas e inseparáveis trajes da modernidade, a exemplo de bonés, óculos escuros e roupas de grifes nacionais e internacionais. Os conteúdos de ruralidade se fazem presentes em todas as festas das pequenas cidades, até mesmo o berrante, que antes era tocado para reunir o gado e que hoje é um atrativo peculiar, bem como a culinária interiorana que constitui os hábitos locais.

É possível afirmar que o carnaval sertanejo se apresenta como a segunda manifestação festiva da microrregião pesquisada, pois não tem a mesma força que as festas de peões, um evento bastante enraizado no local. Ademais, constata-se na microrregião quirinopolina, sobretudo em razão das novas políticas locais de turismo, um aumento generalizado dos eventos anuais, como festas de peões, rodeios-shows, carnavais sertanejos, festas gastronômicas de São Simão e Chica Doida, de Quirinópolis.

Devem ser ressaltadas outras festas regionais desenvolvidas por pessoas que possuem raízes e pertencimentos com o lugar e que participam ativamente desses momentos, desde a preparação até a espetacularização propriamente dita. Dentre elas estão as festas dos Santos Padroeiros, de Santos Reis, da Associação Cantinhos dos Amigos de Itarumã (ACAI) e da Liberdade, em Paranaiguara; os encontros em home-

nagem à dança catira; e o Ano-Novo, formando assim o ciclo festivo regional.

Destarte, as paisagens aqui apresentadas têm, como tradição, uma musicalidade sertaneja que atravessa décadas. Essa música marcada por instrumentos como a viola, o violão e a sanfona faz parte do cotidiano de sujeitos que vivem nos âmbitos rural e urbano do cerrado goiano/brasileiro. Certamente, também é possível ouvir a música sertaneja em residências, grandes eventos rurais, automóveis e no dia a dia das famílias que vivem no interior de Goiás. Tal riqueza social e cultural contempla os espaços urbanos investigados neste artigo.

Referências bibliográficas

- Agência Goiana do Meio Ambiente [AGMA]. (2005). *Estudo Integrado de Bacias Hidrográficas para Avaliação de Aproveitamento Hidrelétrico (EIBH) da Região Sudoeste Goiano*. Caçu: Mais Verde/Engevix. [CD-ROM].
- Almeida, M. G. de. (2002). Políticas de Turismo e Delimitamento do Espaço Turístico Goiano. In M. G. de Almeida (org.). *Abordagens geográficas de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*. Goiânia (GO): IESA, pp. 197-222.
- Arrais, T. A. (2004). *Geografia contemporânea de Goiás*. Goiânia (GO): Vieira.
- Berger, P. L. (1997). *Rumor de anjos: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. (2a ed. W. Boff, & J. Clasen, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Bezerra, A. C. A. (2007). Cidade, festa e identidade em tempo de espetáculo. In: A. C. A. Bezerra et al. *Itinerários geográficos*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, pp. 171-189.
- Bourdin, A. (2001). *A questão local*. Rio de Janeiro (RJ): DP&A.
- Brum Neto, H., & Bezzi, M. (2006, junho). Identidade cultural e organização do espaço na microrregião geográfica de Restinga Seca-RS. *Sociedade & Natureza*, 18(34), pp. 63-76.

- Carvalho, M. A. A. (2008). *A (re)construção da palavra pela leitura significativa da escrita: matriz para o ensino de redação*. Guarapari: ExLibris.
- Corrêa, R. L. (1991). Novas dimensões do urbano no Brasil. *Boletim de Geografia Teórica*, 42(21), pp. 12-17.
- Costa, C. L. (2010). *Cultura, religiosidade e comércio na cidade: a Festa em Louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão – Goiás*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Cruz, R. de C. (2001). *Políticas de turismo e território*. São Paulo: Contexto.
- Dumazedier, J. (1976). *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva.
- Endlich, Â. M. (2009). *Pensando os papéis e significados das pequenas cidades*. São Paulo: Editora da UNESP.
- Fialho, J. (2016, novembro) O capital social no contexto da teoria sociológica contemporânea. *Desenvolvimento e Sociedade*, 1(1), pp. 69-82.
- Florianio, J. A. S. (2000). *Cessou o canto das águas: história da cidade de São Simão*. Goiânia: JASF.
- Jeandot, N. (2001). *Explorando o universo da música*. São Paulo: Scipione.
- Lemos, C. T. (2007). *Religiosidade popular*. Goiânia: Deescubra.
- Maia, C. E. S. (2000). Ensaio interpretativo da dimensão espacial das festas populares: proposições sobre festas brasileiras. In Z. Rosendahl, & R. L. Corrêa (orgs.) *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.
- Martins, P. P.; Silva, L. M. da. (2009). Potencialidades de lazer e turismo na Bacia do Córrego Capela: paisagens entre a Serra da Confusão e o Lago Sol Poente. In J. C. V. Santos (org.). *Paisagens e destinos turísticos na pesquisa geográfica*. Uberlândia: Composer, pp. 27-43.
- Melo, N. A. de. (2008). *Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO): análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.
- Melo, N. A. de., & Soares, B. R. (2009). Pequena cidade, um desafio metodológico: os instrumentos e os recursos para a pesquisa em Geografia. In J. C. de L. Ramires, & V. L. S. Pessoa (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, pp. 395-420.
- Mota, R. D. & Almeida, M. G. de. (2010, abril). Cultura, festas, identidade e território: perspectivas das Folias de Reis em Goiânia como atrativo no turismo cultural. *Anais do Encontro Nacional de Turismo com Base Local*, Niterói/RJ, Brasil, 11.
- Pereira, A. V. (2005). *Bordeira: espaço simbólico, expressões festivas e processos da construção das identidades*. Faro: Tipografia União, Folha de Domingo Ltda.
- Pimentel, S. V. (1997). *O chão é o limite: a festa de peão de boiadeiro e a domesticação do sertão*. Goiânia: Editora da UFG.
- Santos, J. C. V. (2010). *Políticas de regionalização e criação de destinos turísticos entre o Lago de São Simão e a Lagoa Santa no Baixo Paranaíba Goiano*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG, Brasil.
- Santos, M. (1982). *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Hucitec.
- Santos, R. J. (1999, janeiro/dezembro). Pesquisa empírica e trabalho de campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *Sociedade & Natureza*, 11, pp. 113-129.
- Santos, R. J. (2007). *As humanidades do cerrado na dialética da festa e do espetáculo*. Uberlândia: EDUFU.
- Silva, D. G. da. (2010). *A importância da música no processo de aprendizagem da criança na educação infantil: uma análise da literatura*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- Suess, R. C., & Almeida, S. A. de. (2015, junho). O “lugar” de Goiás nas letras de músicas sertanejas: uma abordagem geográfica. *Caminhos de Geografia*, 16(54), pp. 205-223.
- Vilela, I. (2008). Música no espaço rural brasileiro. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, 2(1), pp. 1-23.
- Yázigi, E. (1998). *Turismo – uma esperança condicional*. São Paulo: Plêiade.

Nota

- [1] Universidade Estadual de Goiás (UEG/Brasil) | Professor do Mestrado em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER/UEG/Anápolis) e dos cursos de Graduação e Tecnologia da UEG Campus Caldas Novas, Brasil | Bolsista de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrPUEG), Brasil | Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia - Minas Gerais, Brasil e pós-doutoramento em Turismo pela Universidade do Algarve, Portugal.